



Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

SETÚBAL

Os pedidos para acolhermos rapazes têm chovido, nesta Casa, como as grandes batedas de água no meio de longo e intenso Inverno.

O mar enorme da miséria do nosso horizonte — cada vez mais alargado — esmaga-nos com as vagas negras de casos sucessivos, a reclamar socorro imediato sem que lho possamos prestar, atirando-nos para uma situação de alarme que não podemos calar! Entendemos, na linha da Fé, que aos cristãos compete a tarefa gloriosa e sacrificada de ajudar os homens a saírem de situações infra-humanas para onde a miséria os atirou; banindo, sacudidos e inquietos, a instalação a que se agarraram num confrangedor estado pecaminoso de omissão de que se não confessam nem penitenciam.

Será preciso mobilizar gente nova e enchê-la de sabedoria divina para saber sentir, como Jesus, que só pelo sangue e pela doação completa da vida se constrói a Salvação. Na verdade o Redentor salvou-nos e ensinou a salvarmo-nos uns aos outros; mas a Sua acção, como o Seu amor, tornam-se ineficazes se não encontrar nos membros de hoje capacidade de resposta aos apelos aflitivos dos pobres e desgraçados.

O treino para esta resposta, ensaiado pelo Pai Américo na Obra da Rua, tem de se entender a toda a Igreja — e quanto antes.

Como os meus pedidos e gritos de alarme às mulheres cristãs do nosso tempo — para que viessem dar a sua vida a Deus nos Rapazes — não encontraram ainda eco, começo a pressentir que a Catequese nesta linha de compromisso tem muitas falhas no ensino da Teologia actual.

A dimensão social da Fé reduz-se, tantas vezes, à tacahez do indivíduo ou quando muito apanha os familiares e amigos do mesmo nível social. Às vezes, e até para calar a evidente chamada de Deus, pretende-se amar com um pseudo-amor longínquo as crianças e os pobres de outros continentes, enviando-lhes roupas ou donativos, mas fechando a vida numa clara alienação do Evangelho.

Dos noventa pedidos aqui chegados no último mês de Julho para crianças e jovens, só dois haviam ultrapassado a 1.ª classe do ensino básico — todos os outros estão ainda na 1.ª classe e alguns já com 12 e 13 anos de idade.

Que trabalho aliciante e válido para professores cristãos!... Os mais difíceis e mais atrasados são os preferidos de Jesus!

Hoje, na profissão, como em tudo, não se busca, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua construção, mas os melhores lugares, onde se ganhe mais, se trabalhe menos e passe por poucos incómodos. Assim faz-

A primeira leitura do ofício delas, hoje, é do capítulo 30 do Livro de Isaias. Não lhe resisto. E embora saltitando, por preocupação de brevidade, aí vai o que julgo essencial para que a transcrição resulte um pensamento com princípio e fim.

«Ai dos filhos que Me fogem, diz o Senhor, que fazem projectos sem contar comigo, que estabelecem alianças sem o Meu espírito, acumulando, assim, pecados sobre pecados! Tomam o caminho do Egipto sem Me consultarem, para pedir protecção ao Faraó e abrigo na sombra do Egipto. Mas a protecção do Faraó será a vossa vergonha e o abrigo do Egipto a vossa ignomínia. (...) Agora, pois, vai e escreve estas coisas, regista-as num livro, a fim de que permaneçam para o futuro e sejam um testemunho eterno. Porque este povo provoca-Me; são filhos da mentira, filhos que não querem ouvir a Lei do Senhor. E dizem aos Viden-

-se da vivência da Fé uma religiosidade tradicional sem empenhamento e distribuem-se à saída dos actos de culto uns sorrisos de consolidação aos amigos e conhecidos.

No entanto, a Palavra eterna, que jamais alguém mudará, é que o Reino de Deus é o Reino dos pobres!

Padre Acílio

Notas do Tempo

tes: «Não vejais». E aos Profetas: «Não nos anuncieis a verdade; dizei-nos coisas agradáveis; profetizai-nos erros; afastai de nós o caminho; cessai de colocar diante dos nossos olhos o Santo de Israel.

(...) Ora vedé o que disse o Senhor Deus, o Santo de Israel: «É na conversão e na serenidade que está a vossa salvação; é no silêncio e na Esperança que reside a vossa fortaleza».

(...) Sim, povo de Sião que habitas em Jerusalém, já não chorarás mais. A voz da tua súplica, Ele te fará misericórdia; logo que ouvir o teu clamor, te responderá — quando o Senhor te tiver dado a comer o pão da angústia e a beber a água da tribulação. Então, Aquele que te instruiu não se esconderá mais e verás com teus olhos Quem te ensina. Ouvirás com os teus ouvidos ressoar estas palavras atrás de ti quando te desviasses quer para a direita quer para a esquerda: «Eis o caminho. Anda por ele».

(...) Então o Senhor te dará chuva para o que semeares e o pão que a terra produzir, será nutritivo e saboroso. Naquele dia, o teu gado pastará em espaciaosas pastagens; os bois e jumentos que lavram a terra, comerão uma forragem salgada, joeirada com a pá e o crivo.

(...) A luz da lua será viva como a luz do sol; e a luz do sol brilhará sete vezes mais no

dia em que o Senhor ligar a ferida do Seu povo e curar as chagas dos golpes recebidos.»

Escritas há 27 séculos, eu vejo nestas palavras um retrato de hoje, o retrato de um povo em situação difícil que ainda não acertou no alvo digno da sua confiança nem se viu em espelho capaz de o restituir à sua melhor e mais fiel imagem. Nem é de admirar esta actualidade já que é intenção expressa do Senhor que «estas coisas (...) permaneçam para o futuro, sejam um testemunho eterno!» Como é de sempre a tentação de fugir à verdade quando ela não tem para nos dizer coisas agradáveis!

Todo este trecho é Palavra do Senhor, Palavra de Salvação dirigida ao Seu povo. E é como membro de um povo estremunhado e desviado dos projectos de Deus que eu o leio.

Povo, urge mentalizares-te para um acordar penoso, para um tempo em que «terás de comer o pão da angústia e de beber a água da tribulação», após o qual «o Senhor, logo que ouvir o teu clamor, te responderá; à voz da tua súplica, Ele te fará misericórdia».

Não é em outros povos que temos de pôr a nossa confiança; nem abandonarmos aos nossos governantes a resolução

Cont. na 4.ª página

O mar imenso da miséria do nosso horizonte — cada vez mais alargado — esmaga-nos com as vagas negras de casos sucessivos a reclamar socorro imediato, sem que lho possamos prestar, atirando-nos para uma situação de alarme que não podemos calar!



AGORA

«O advérbio agora encerra dentro de si a actividade de uma vida inteira; ele é a expressão e o valor real do tempo. Ontem e amanhã são palavras mortas. Agora é o momento oportuno de trabalhar» — diz Pai Américo.

Assim é! Agora é o momento preciso e único de que dispomos para ajudarmos os irmãos; acarinarmos os nossos pais velhos; reconciliarmo-nos com os outros; plantarmos uma roseira no quintal. No amanhã, secou a fonte; aconteceu um desastre; passou o tempo oportuno de ajuda aos que hoje erguem paredes e põem telha-

dos com uma valentia de heróis. Conheço tantos! Alguns, nossos Galatos.

É tão difícil construir, hoje, uma habitação...!

Valentes e dignos da nossa admiração e ajuda, os Autoconstrutores! Alguns partem do zero. Mas logo surge, quase sempre, a ajuda dos vizinhos e parentes como alavanca fraterna e solidária. Mais que as lindas casas erguidas me comove e deslumbrava a fraternidade nascente!

Aí, se nos ajudássemos todos uns aos outros!... Como o faziam os primeiros cristãos.

Cont. na 4.ª pag.

PELAS CASAS DO GAIATO

Setúbal

LAVOURA — Com uma maior disponibilidade do sr. Padre Acílio, procuramos tirar melhor partido da nossa agricultura.

Devido às secas dos últimos tempos, elaborámos um processo de regadio. Semeámos e colhemos muito pasto para as vacas. Fizemos silagem. Fu passei e vi a eira cheia de grão de cevada. Lembrem-me as colheitas do arroz doutro tempo.

Os pedreiros, mai-lo ti Zé, andaram a aumentar as instalações para o gado. Temos que nos defender...

Fomos ao Norte buscar um casal novo para ajudar. Temos que tirar partido, temos que sobreviver...

LUÍS HENRIQUE — Eu já aqui falei dele mais vezes. É um pequeno que, além de irrequieto, tem o hábito de roubar. Tem feito das suas. Rouba e esconde os furtos. Outros, mais velhos e mais capacitados, vão e participam.

As Casas do Gaiato existem. Vão tentando modelar, em bem, males gerados logo à nascença, em ambientes propícios. Mal nas famílias. Há que acudir a elas. Tantos delinquentes que o não seriam se nós olhássemos mais para a educação e carências das famílias da rua! Eu nem sei se existe ainda a Assistência à Família e se dali há quem vá para a rua no intuito de salvar, acudir dentro de casa ou barraco, para que não tenhamos que ver sentados no banco dos tribunais tantos réus que a apatia da sociedade criou.

Esperamos que o Luís Henrique se salve, mais outros que com ele comem, dormem e trabalham debaixo do tecto das Casas do Gaiato.

«PÃO E UVAS» — É um «menino» cujo porte malcriado tem vindo ao de cima. Anda no Ciclo Preparatório. Não sei bem a idade nem o aproveitamento escolar do moço, mas do seu porte sim:

Um dia destes, porque a senhora da Casa o admoestou, respondeu-lhe de uma forma mal educada...! É triste contar isto de ti, «Pão e uvas»!



O primeiro rebento do Raúl, que foi da Casa do Gaiato de Setúbal.

Se soubesses das canseiras da senhora, para que tudo ande bem na Casa que é tua! Já reparaste como são as mães que querem o bem dos filhos? É para esquecer o teu gesto, não o resto.

FÉRIAS E PRAIA — Um grupo deles já gozou a distração e o aproveitamento dos efeitos do iodo. Outro grupo — o dos mais velhos — foi a seguir. Alguns destes foram passar uns dias com os seus familiares. As obrigações da Casa não param: uns substituem outros nas ditas. A cozinha, o refeitório e as limpezas, também não. O gado tem que ser tratado. Mas todos, a seu tempo, têm as suas férias.

AS NOSSAS LIMITAÇÕES — A tia tinha vindo, de véspera, pedir para ele entrar na nossa Casa. No dia seguinte almoçou connosco, no Lar. Era um rapaz de 15 anos, de bom aspecto físico. Conversámos um nadinha enquanto almoçávamos, e soubemos que tinha nascido em Setúbal e vivia em Grândola. Nunca andou na Escola. Mudou de roupa, almoçou, e depois teve que ir embora.

Temos ainda a casa quatro para construir. A cruz dos mais responsáveis vai aumentando. O elemento feminino é reduzido: São as nossas limitações!

Ernesto Pinto

Praia de Mira

FÉRIAS — Acabaram-se! Para o ano há mais...

Foram dias alegres. Uns indo, outros vindo, até que todos por cá tivessem passado. Não me lembro de um ano tão bom, de praia! O sol, sempre convidativo para um banho, à parte as poucas vezes em que caiu uma chuvita ou o céu esteve nublado. Até o mar nunca esteve assim tão bom: bandeiras verdes quase todos os dias, ondas nem pequenas nem demasiado altas e a água quente como em nenhum outro ano estiveira!

Todos nós gostámos dos banhos no mar, das brincadeiras à beira-mar;

alguns até improvisaram um campo e uma rede para jogarem voleibol e assim se entreteram durante dias.

Na hora do banho era uma correria em direcção ao mar, excepto aqueles que ficavam pachorrentos, deitados na areia que, como dizia o sr. Padre Horácio, mais pareciam «crocodilos deitados ao sol». Mas isso não durava muito tempo. Havia sempre um grupo que se encarregava de os levar, entre risos de todos — após o primeiro mergulho no reino de Neptuno.

Mas também era necessário fazer os trabalhos domésticos, cabendo a vez a todos, ainda que não seja muito agradável...

Ocupámos a casa cerca de dois meses, com grupos alternados de rapazes.

Aos domingos e também em dias úteis, íamos até à barrinha e dávamos uma volta de barco e, depois, um mergulho na água doce que nos retirava parte da salinidade da água do mar.

No dia da partida alguns estavam com saudades de lá voltar. Mas era necessário partir, para dar lugar a outros que não podem ter férias: Como sempre, temos emprestado a casa à Colónia de Férias de Anadia, assim como ao Lar da Terceira Idade (Lar de S. José), da Covilhã.

Partimos no dia 16, de manhã, após uma limpeza geral à nossa casa, que ficou mais acolhedora. Éramos nós a partir e eles a chegar.

Que todos tenham umas boas férias — como nós tivemos — é o que desejamos.

Chiquito-Zé

Ericeira

Direito a férias aos que trabalham e dão o seu melhor durante um ano. Acabados os estudos e depois de um ano cheio de trabalho, cria-se um gostinho especial para umas férias, uns dias de repouso, na praia ou no campo, fortificando-nos fisicamente e psicologicamente.

Fomos para a nossa Colónia de Férias, em São Julião da Ericeira, com os nossos «Batatinhas». Começamos por arrumar a casa que, depois de um ano, já se apresentava de cara suja. As enxadas iniciaram a sua actividade: Os maiores raspavam e os «Batatinhas» arrumavam; as duas senhoras que se ofereceram, dando o seu melhor, orientaram as limpezas e tomaram conta da cozinha e das roupas. Também aqui não esquecemos que cada um tem as suas funções para uma melhor colaboração e organização do turno.

Depois de tudo arrumado, e em ordem, fomos à praia. A alegria dos «Batatinhas» ao contactarem com a areia e o mar! Correram, saltaram, brincaram e... como não podia deixar de ser, os banhos com muitos mergulhos!

Queria, aqui, salientar a preciosa colaboração do pessoal da Colónia de Férias de S. Julião da Ericeira que sempre esteve na disposição de nos ajudar em géneros alimentícios, água, telefone, etc. O nosso relacionamento com o pessoal da Colónia fez com que se cumprisse, mais uma vez, a

célebre tradição: o jogo de futebol. A boa disposição e a tática evidenciada em todos os elementos de ambas as equipas revelaram novamente o bom futebol, já característico entre nós. Perdemos 2-1, mas como as derrotas, para nós, são sempre vitórias, finalizámos o encontro com um aperto de mão bem forte, com muito calor, como prova de uma relação saudável e compreensão mútua.

Caro leitor: Um grande abraço de amizade e desejos de umas férias sãs, com sol doirado e mar calmo numa praia de areia fina ou então gozando a beleza do campo.

Felicidades-

José Manuel

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Ele é rendeiro. Toda a vida foi, desde o berço, por afinidade!

Como a maior parte dos velhos rendeiros, tem servido como um verdadeiro sacerdote.

— 'tá a ver!? Estas ramadas foram feitas por minha mão, só c'o meu trabalho...

— São uma fortuna...!

— Tenho prantado muitas vides por aí fora...!

Hoje, que muitos abandonam o campo — qual «indústria do futuro»... na opinião de um cientista germânico — deliciamo-nos, e sofremos também, em contacto com estes portugueses de lei, esquecidos por muita gente, onde o progresso a bem das culturas (extensão rural?) é lento, quanto mais o resto (formação integrada).

Somos um País de líricos! Por isso teremos que sofrer! É a terra que nos dá o pão. É dela que a gente vive. É por ela que temos de nos bater, em defesa da nossa sobrevivência. Dar a mão, a mãos caleja-

ÁRVORE

Planta-se, joga-se água e pronto.

Em pouco tempo cresce,

cheia de galhos

e folhas esverdeadas.

Na Primavera floresce,

e no zunir do vento,

em noites tristes,

vemo-la nua.

Sofre,

como tudo e todos,

mas ninguém vê,

ninguém tem pena

— porque ela não chora.

Para mim,

no Verão,

quando o sol atesta,

és meu refúgio.

Dás-m'alegria

da tua sombra

e o sabor

dos teus frutos;

por isso te contemplo

— és minha amiga!

Manuel Henrique

das que semeiam e colhem o pão que nos chega à mesa, não é favor nenhum — mas uma obrigação.

No caso vertente, nem o senhorio, decerto, avalia a riqueza que este homem é, mai-los familiares, que não deixam terras em pousio. Só no dia em que ele, e os seus, deixarem a enxada, então, sim, reflectirão seriamente; tanto no seu espírito de serviço, em condições precárias, como na seriedade posta em todos os actos da vida. E numa época em que os valores são tão facilmente adulterados, como nos sabe bem prestar homenagem, simples, àquelas mãos calejadas — na maioria já velhas ou à beira da chamada terceira idade — que, não fossem elas, hoje, mais trágica seria a nossa balança de transacções correntes.

Ele tem muitos filhos; alguns, doentes. Os são, porém, têm formado os seus lares na altura própria.

— Quando todos s'arrumarem..., entrego a terra. Já não posso mais! Tem sido uma vida dura; muito dura. Adei..., preciso duma casa. Estamos a arrumandar uma, que já nos arrumedeia bem. P'ra nós, chega. Os filhos botam a mão. A cousa vai bem incaminhada.

— Vai custar-lhe muito deixar a terra...?!

— Os anos ninguém escapa...! Está aqui muito da minha vida e dos meus!

— Assim todos compreendam.

— Adei..., preciso dum auxílio prà casa onde vou morrer... e todolos meus.

PARTILHA — Assinante 12.313, de Lisboa, 500\$00. Assinante 27.527, de Viseu, o dobro com esta intenção:

«No mês de Julho, com muitos sacrificios e a ajuda de Deus, consegui liquidar o empréstimo que contraí, há cerca de cinco anos, para aquisição do andar em que habito. Junto um cheque destinado a uma família que esteja a lutar com grandes dificuldades — e dou graças a Deus por me ter proporcionado a realização do meu grande sonho...»

Aí temos como a alegria da meta cumprida, transmite alegria aos Outros! Neste caso aos que mais precisamos — os Pobres.

Vale do correio da assinante 22.890, em Rio de Mouro, para que possa «também ajudar a tapar alguns buracos». Esta delicadeza é uma forma cristã de pronunciar, de viver, de testemunhar o verbo amar!

Rua Clemente Menéres, Porto, o costume «e mais 20\$00 para a despesa do correio». Remata assim: «Peço desculpa de ser tão pouco, mas também recebo pouco. Temos que ir remediando...» Ou o Reino de Deus não fosse dos Pobres...

Mais Porto: 600\$00 da assinante 8.492. Vale de correio, de Algueirão, cotas de Julho e Agosto, com um voto: «Gostaria que a quantia fosse entregue a uma senhora idosa e bastante necessitada». Cumprimos.

Boa Amiga, de Santa Cruz do Douro, 1.000\$00. Assinante 25.881, de Setúbal, 250\$ «para que a Conferência viva e, assim, continue por muitos anos», expedidos no dia em



que «Pai Américo faz 27 anos que foi para o Pai Celeste e lá, onde o nosso Deus o tem, ajudará a Obra da Rua, seus obreiros e amigos». É a verdade — à luz da Fé.

Ainda de Setúbal — viva o Padre Acílio! — outra valiosa presença da Rua do Romeu «para aquilo que for mais útil e necessário». Ponta Delgada (Açores), ressonância — a um caso apontado e já resolvido, graças a Deus e aos nossos leitores — de um casal de «professores aposentados (40 anos de serviço)», que iriam mais longe! Agora, porém, subsistem os problemas do dia-a-dia. E não são poucos!

Um companheiro de carteira, da década de 40, na Escola Mouzinho da Silveira (Porto), com a sua presença e amizade de sempre. Sem desprimor para os mais, são amizades que jamais esqueçamos e ainda, há pouco, reavivámos, com o entusiasmo da juventude.

«Por alma de Teresa Guise Pinheiro», 1.000\$00. Assinante 9.790 «com uma pequena ajuda» (1.000\$00) e «o pedido de uma oração por uma intenção particular». Cumprimos. Mais, Porto: Assinante 19.177, o costume costumeado. Engenheiro que foi dos CTT — e nos conhece desde que usávamos calção — 1.600\$00. Bons tempos! Estremoz, assinante 21.863, nota de mil — «que a bem pouco chegam»... nos dias d'hoje! Fundão, remessa habitual com a amizade de sempre. Cheque de Rio Tinto, «porque se torna mais caro o vale postal». Muito bem! Ainda do Porto, Rua Eugénio de Castro, valioso donativo que Padre Telmo agradeceu. Lisboa, Avenida Sacadura Cabral, outro cheque para «um infeliz que queira trabalhar e não encontre trabalho». Isto é dum oportunidade formidável! Ou estamos sobre a hora — sobre a crise que nos rodeia — ou seremos ultrapassados! A Caridade é oportuna — e importuna. O desemprego aí vem... — aí está instalado — com todo o rol de problemas morais, sociais... materiais!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Tojal

OBRAS — Estamos com as obras de remodelação da nossa varçaria. Futuramente o seu trabalho será aperfeiçoado por obrigação às novas técnicas. Oxalá que tenhamos bons vaxeiros, que saibam tirar o máximo proveito do profissionalismo que é oferecido — valorizando a Comunidade.

Um dos nossos projectos de construção civil, que já há muito ansiávamos, realizou-se: é a câmara frigorífica. As suas obras já estão a acabar; só faltam os acabamentos finais.

RECADADO — Alguns dos nossos rapazes, com um pedreiro e o mestre da carpintaria, levando as suas ferramentas, foram mudar o telhado a um nosso grande amigo que vive modestamente na sua casinha em Pinhões — Loures. É paralítico.

É nossa obrigação ajudar os Outros porque também sabemos que eles nos ajudam.

Conforto e paz são os nossos votos a este nosso amigo e a todos os outros que se encontram em situação idêntica.

José Manuel

O livro «OBRA DA RUA» e os Leitores

Mau grado a falta de espaço, não podemos fechar a porta à torrente caudalosa que, todos os dias, o correio nos traz, a propósito do OBRA DA RUA, de todos os livros de Pai Américo — e não só.

Não é uma repetição. Cada um exprime-se à sua maneira, consoante as suas aptidões, sim; mas com a variedade natural que, por graça de Deus, brota das suas almas, dos seus corações. Aqui, no reino das almas, não há uniformidade. Beleza e riqueza da Criação!

Até um ou outro dos nossos Bispos vão presentes na procissão que, por isso mesmo, mais fervorosa ela é! Um dos mais jovens membros do Episcopado Português «agradece o precioso livro de Pai Américo — Obra da Rua».

A procissão continua. Porto — cidade invicta:

«Envio uma pequena quantia para acusar recepção de mais um «Amigo» que recebi há uns tempos; mas, por força do trabalho, nem houve tempo para vo-lo dizer. Desculpem!

Se um Amigo é aquele que nos vem dizer as verdades, baixinho ao coração, porque não tratar por Amigos todos os livros de Pai Américo? Eu acho que deve ser assim; porém, este corre-corre de todos os

dias, nem deixa, por vezes, lugar para estes Amigos!

«Que Deus nos perdoe, o andarmos tão afadigados com o dia de amanhã.»

Obrigada por não se esquecerem de nos bater à porta de vez em quando e que Deus vos ajude a continuarem.»

Mais Porto:

«Acabo de receber o vosso estimado livro Obra da Rua, pois todos os vossos livros, como o jornal, me dão uma grande satisfação. É neles que muitas vezes encontro um bocadinho de ânimo para a dor que trago em mim...»

Outra vez Porto:

«Recebi, em devido tempo, o Obra da Rua — 3.ª edição — que li e me deu a conhecer algumas coisas que eu tinha vontade de saber.

Todos vós, os que conseguiram fazer sair esta 3.ª edição, desde os «vivos» que escreveram alguns artigos, aos que na tipografia os compuseram, até os que trabalharam na sua expedição, estão de parabéns.

Do esforço de todos resultou a magnífica edição que tanto bem faz a quem a lê nesta época em que se sente reinar um feroz egoísmo.»

INTEGRAÇÃO DO GOVERNO

PRATA — Já todos regressaram de férias, da Praia de Mira, à beira-mar, gozando da aragem do oceano, e deliciando-se a nadar nas suas águas convidativas. Agora já tudo acabou e preparamo-nos para executar as tarefas que a manutenção da nossa Casa exige, dia-a-dia. Esperamos que sejam bem executadas, para o bem de todos.

CULTURA — Muito se tem por aí ouvido, ou lido, acerca da falta de trabalho e do número de desempregados, cada vez maior.

Na nossa Casa estamos a braços com o mesmo problema: Chegou a época morta, em que não há nada para fazer, e os rapazes precisam de ter algo em que se ocupar para não caírem na ociosidade. Assim, organizamos um grupo para ir ao mato, enquanto outros — sobretudo o grupo dos mais pequenos — regam as árvores de fruto ou varrem as ruas da nossa Casa.

As oficinas já entraram em funcionamento, embora sem a presença dos mais responsáveis. Outros, ainda, fazem os trabalhos domésticos, ocupando-se da limpeza e de outros trabalhos que é desnecessário descrever, mas que têm muita importância. Cada um, na nossa Casa, tem o seu lugar para trabalhar; assim como o seu lugar à mesa para comer ou a sua cama para dormir. Regemo-nos todos por leis simples e justas para, no fim de um dia, nos tornarmos ou continuarmos a ser homens simples, justos e honestos.

AMIGOS — É sempre bom ter amigos em quem possamos confiar, ou confiar na sua ajuda. Nós temos muitos amigos que nos ajudam e oferecem algo do que é seu; podemos mesmo dizer que é quase impossível dizer o número aproximado deles, pois são tantos — graças a Deus! Um casal, que também é nosso amigo, quis mostrar a sua amizade mais perto, oferecendo-se para nos ajudar, nos nossos trabalhos, durante quinze dias. A senhora ajuda na lavandaria, na cozinha e noutros trabalhos domésticos. O marido na carpintaria. Estávamos a precisar de uma ajuda assim, e esperamos que outros casais lhes sigam o exemplo. Bem hajam!

CATEQUESE — Em nossa Casa há um grande número de rapazes sem o primeiro compromisso voluntário cristão — a primeira Comunhão — já que o Baptismo não é voluntário semanas após o nascimento da criança, incapaz, ainda, de vontade própria. Temos alguns para fazer um compromisso mais sério de fé em Deus e temos, felizmente, um só caso de Baptismo — um dos nossos, já com 12 anos.

Foi por essa razão que se organizaram diversos grupos de Catequese para os preparar até ao segundo domingo de Outubro, que será de festa em nossa Casa. Alguns dos nossos rapazes, juntamente com catequistas de fora e que já mais de uma vez deram Catequese aos nossos rapazes, são os encarregados de os preparar. Que a Palavra, por eles semeada, dê bom fruto nos nossos rapazes.

Chiquito-Zé

Braga:

«Segue um vale para o livro Obra da Rua. Eu já tenho muitos e já os tenho emprestado a pessoas que não os têm, para elas se entusiasmarem. Logo que o recebi não descansei. Li-o de ponta-a-ponta. E confesso que chorei! Mas isso acontece com todos os que, de vez em quando, leio, pois tenho muita amizade à Obra da Rua e sou assinante de O GAIATO há 30 anos.»

A procissão vai marcar passo. Mas não queremos fechar sem revelar a dedicatória de um Amigo de Vila Nova de Gaia: «Os livros de Pai Américo são o Evangelho vivo e palpante — que não se pode mercadejar.»

Que bem!

Júlio Mendes

Do que nós necessitamos

Aqui vai mais uma coluna repleta de andores cheifinhos de flores da amizade, e do amor. Estas presenças são verdadeiramente manifestações cristãs.

Desta vez, é Franqueira & Gameira, Lda. que principia o desfile e que muitas vezes aparece. Seguidamente, de Pretória, uma mãe, em acção de graças, 800\$00. Da Cidade Invicta, M. F. Ferreira, 1.000\$ e mais 5.000\$ de Hipólito Santos. Um António, de Ribeirais (Antas), 500\$. Maria L. G. Coelho, de Penafiel, 2.000\$. António Areias, de Leiria, muitas vezes com a sua presença muito amiga. Leopoldo Lopes, 1.000\$. Entregues ao chefe dos nossos cicerones, diversos envelopes de vários anónimos: um de 5.000\$, outro de 4.200\$, mais outro de 2.000\$ e mais 500\$, mais 5.000\$, mais 3.250\$. Maria Alice Guimarães, 750\$.

Agora, um pai de cinco filhos com 9.000\$ por ter sido aumentado no ordenado, pedindo as nossas orações e rigoroso anonimato. Etelvina, de Santarém, 1.000\$. De Moscavide, Duarte S. Oliveira, 1.000\$ e mais outro tanto da Rua da Prelada, Porto. Emília P. Leite, 48.500\$. V. R. Patrício, 1.000\$. Peditório numa Missa, em Forçáhos, 1.200\$. Casa Oliveira, 3.000\$ e mais 500\$ de uma Ana e 250\$ de Ana Aida. Por intermédio de Alberto Póvoa a costumada lata de azeite purinho, da quinta de Arnozelo — Cedovim. Eurospuma atendeu o nosso pedido de colchões no montante de 40.260\$00. Américo L. Sousa, 2.000\$. «Para desconto dos seus pecados» — e quem os não tem?! — 1.000\$. Aurora S. M., com um grande abraço, 1.000\$ e mais mil de Cascais. Dp Porto, pelos C. T. T., um envelope sem palavra alguma e sem remetente: 5.000\$. De Júlia e Raquelina, 150\$00. Arminda C. Pedrosa, 5.000\$00. Construções ELO, 2.000\$00. Uma Maria da Conceição, residente em Espinho, 5.000\$ e mais uma encomenda pelos C. T. T. António G. Ferreira, 10.000\$. Três mil escudos de Amélia G. Ferreira, montante

da sua reforma. Da assinante n.º 3142, para os nossos «Bata-tinhas», 3.000\$. Para as nossas «necessidades de momento e para que Deus lhe perdoe as suas faltas», 10.000\$ e mais «5.000\$ de quem peca por omissão». Novamente vários amigos do Porto: 500\$, mais 500\$, 2.300\$ e mais 50\$00, mais 100\$ e mais 250\$00. Outra vez Leiria com 600\$. Olinda Rodrigues, 1.000\$. E novamente Leiria, 1.500\$. Agora vários anónimos de Lisboa com 100\$, 200\$, 5.000\$, 150\$ e mais 3.000\$. Da Cidade dos Arcebispos, 5.000\$ e mais 200\$. Cheque 739792, da C. G. D., 1.000\$. C. F., da Amadora, 250\$.

Bem haja todos e Deus se lembre de quem não esquece e até se sacrifica pelos nossos rapazes.

Fernando Dias

UMA CARTA

«Coimbra, 3/8/83

Envio este pouquinho... para a grande Obra de Pai Américo.

Sou viúva e pobre, não posso ajudar mais. Julgo que a importância não conta perante Deus, mas sim a grande vontade de ajudar o Próximo. Deus é o único que nos conhece a alma e a pureza das nossas palavras.

Seja Deus sempre a ajudar os pobres, para que os pobres se possam ajudar uns aos outros, pois o egoísmo dos que mais podem é cada vez maior!

A Deus peço a graça da saúde e do trabalho — e de muitas almas para ajudarem ou colaborarem na Obra da Rua. Outro pedido ao Senhor: que em todas as paróquias haja Sacerdotes que tentem fazer algo parecido. Julgo que, hoje, há festas a mais dentro das igrejas e faz-se pouca Caridade...»

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Da nossa parte já não dá-vamos notícias há mais de dois meses, sobre a recepção de novos assinantes — que todos os dias chegam, de norte e sul do País. Agora, pela recente expedição do livro OBRA DA RUA, recebemos uma data deles, inscritos pelos postais RSF (resposta sem franquia).

Ao longo da procissão há muitas legendas, dedicatórias, explosões de sobrenatural — diria Pai Américo — motivadas pelo interesse que O GAIATO desperta nos leitores. Temos, ainda, grupos de Amigos que nos visitam — caso de Perosinho (Vila Nova de Gaia) — e outros que, de longe, nos mandam listas de nomes de pessoas também ansiosas por receber o «Famoso» — 19 novos leitores de Bragança!

Como a vida não pára — e há que rejuvenescer ou passar testemunhos — caminham, na procissão, pais e mães e avós... que motivaram descendentes para que O GAIATO permaneça em seus lares: «Peço que tomem por assinante a minha filha...», que admira muito o «Famoso». Presença de Barcelos.

Outros, quais discípulos do Mestre, com a sua devoção arrastam companheiros de trabalho. Recentemente, foi um desfiar telefónico, de uma Companhia de Seguros, que, por isso, não vai à falência... É para o bem-comum. Enquanto registávamos os nomes, outros Amigos acordavam de um longo sono, entusiasmados! Uma data deles!!

Presença de Santarém refere que «as novas assinantes são duas colegas que fizeram comigo estágio pedagógico e a quem, geralmente, mostrava O GAIATO e falava de Pai Américo». Horas deliciosas! Quanta Pedagogia (nova) terão descoberto na troca de impressões?!

Muitos que não topam, em plena rua, os nossos embaixadores, avançam, cada vez mais, com pedidos de inscrição:

«(...) Os pequeninos arduos, de O GAIATO, desapareceram das ruas de Lisboa e eu fiquei sem aquele «banho» de simplicidade e aquele alertar para os problemas e graves carências, que uma vida universitária ocupadíssima não deixa margens... Como em breve vou ter férias e pôr as minhas leituras «extras» em dia, agradeço que me enviem O GAIATO, desde Janeiro deste ano de 1983, para o que remeto... Também vou fazer seguir, hoje mesmo, uma encomenda contendo (roupas), resultado das minhas buscas nas arcas, pois o meu pai criou uma creche na Beira Baixa, que já tem mais de 65 crianças de todas as idades e eu projecto um dia que essas idades se prolonguem dos 65 anos em diante!... Um projecto arrojado, mas eu tenho um bocadinho de ténpera de Pai Américo!!!»

Em olhadela mais atenta, vemos, ainda, no meio da procissão, uma nova assinante de Paradaça (Moimenta da Beira), que diz: «Gosto muito de O GAIATO. Tentei arranjar a direcção pelo senhor...», que também o recebe, e resolve escrever para me mandarem o jornal...»

Mais adiante, outra, da Damaia: «Inscribam, como assinante de O GAIATO...», um rapaz-amigo que recebeu, no domingo passado, o santo Crisma. É a minha prenda...» Que bem!

Finalmente, a síntese dos locais de partida da procissão: Valongo, Viseu, Vila Nova de Gaia numeroso grupo, Carvalhos idem, Ermesinde, Sarilhos Grandes, Queluz outra coluna, Tomar, Cantanhede, Coimbra,

Sintra, Barcelos, Aradas, Costa do Valado, Espinho, Rio Tinto, Amadora, Santo António dos Cavaleiros, Chamusca, Valença, Brejos do Assa, Calendário (V. N. Famalicão), Moreira da Maia, Gondomar outra coluna, Paço de Arcos, Freches, Guilhufe (Penafiel), Sines, Travassos de Cima (Viseu), Perosinho (Gaia), S. Paio de Oleiros, Setúbal, Souto, Santa Maria de Lamas, Sandim (V. N. Gaia), Guetim, Canelas, Oliveira do Douro, Vila Maior (Lourosa), Laranjeiro de Fora (Almada), Nazaré, Feijó (Almada), Válega, Ovar, Leiria, Parede, Estarreja, S. João da Madeira, Póvoa de Varzim, Pego da Régua, Santiago do Bougado (Trofa), Mem Martins, Coimbrões, Flamengo (Loures), Cascais, Santarém, Póvoa de Santa Iria, Palmela, Alverca, Matosinhos, Lornvão, Corroios, Baixa da Banheira, Sesimbra, Porto e Lisboa muita gente, Saint Varent (França) e Montreal (Canadá).

Júlio Mendes



O padeirito da nossa Casa do Gaiato de Lisboa (Santo António do Tojal)

AGORA

Cont. da 1.ª página

No nosso «Agora» é assim... Ele é uma verdadeira catacumba. A nossa procissão, hoje, leva velas para dar luz às paredes de granito, e pálio para honrar um sacerdote que veio com cinquenta mil; é o Padre Alfeu, da Guarda, para ajudar os Autoconstrutores mais aflitos. Ao lado, com 20 mil, oferta habitual e anónima para a Casa de N. S. Jesus Cristo, e J. P. R. uma nota. Não interessam tanto os números — mas a presença e a intenção neste renascimento no amor fraterno. Uma senhora francesa, M. Marcelle, outros 20 mil — «destinados a auxiliar um Autoconstrutor, pois tenho muita simpatia por aqueles que têm coragem de construir sua própria habitação». Assinante n.º 20 com dez mil. Do Luso, cinco mil para o Património dos Pobres. Mais a assinante 13.693 com cinco mil e o 23.853 mil da Póvoa de Varzim «para o Património dos Pobres». Maria Luisa com mil de Lisboa. Manuela Pádua com cinquenta mil e mais 10 (para a viúva com muitos filhos e alguns anormais) com os quais pagamos as rendas atrasadas e a renda mensal. O assinante 16.071 veio com «uma ajuda para a Autoconstrução». Mais, de Algés, para o Património dos Pobres. Da Foz, mil, com desejo de muita saúde e paz. Artur Coelho, de Coimbra, está presente com cinco mil pa-

ra um Autoconstrutor. A assinante 4.951, de Queluz, com uma ajuda para o Património. M. L.: «É pouco mas de boa vontade que cumpro esta obrigação de ajuda». Obrigação, dizem. Se somos cristãos e temos conhecimento é pecado contra o Evangelho não deitar a mão ao que precisa. De Portimão chegou o assinante n.º 16.560 com sete mil para a Autoconstrução. Do nosso assinante 31.858: «A vida é difícil, estou em vias de ver reduzido o meu ordenado a 1/4, mas também quero ser generoso. Dos 18.000\$00 metade são para a Autoconstrução». É sagrado este chão que pisamos! Amigo Nestor: «Um terço dos cinquenta mil que mando são para a Autoconstrução. Ouvi aqui, em Viseu, o Padre Américo. Desde então nunca mais deixei de dar a minha ajuda». Uma nossa amiga, de Lisboa: «Vai migalhinha (6.000\$) para um caso de Autoconstrução» — e mais esta flor: «sinto-me

muito feliz quando, sem que ninguém saiba, posso ajudar um irmão». Escutemos em silêncio. Da Calçada da Estrela: «Uma achega de minha filha para as casas do Património». Médico, de Gaia, com 2.000\$ para o Património. Assinante 13.526, mil. Antiga Vicentina, de Oeiras, que assina «Ninguém», manda cinco mil para ajudar alguém na Autoconstrução e: «Que o Senhor me ajude a administrar bem aquilo que vai pondo nas minhas mãos pecadoras». Que nos ajude a todos. A presença de Maria Leonor, do Porto, com 44.000\$ mais 15.000\$ para a Autoconstrução e: «Continuarei a mandar o que posso e vós ireis transformando em pedra e cal conforme as necessidades. Agradeço a Deus dar-me a alegria de poder ajudar os Outros». Esta a maior alegria! E, para fechar, a assinante 29.406: «Cá estou com o meu subsídio de férias (30.000\$). Estou, neste momento, a lembrar-me da ajuda na compra de telhas para substituir os barrotos na casinha do parafítico, que tão grande e belo exemplo de coragem nos dá! Já lá estão — telhas novas e barrotos. Como ele ficou feliz!

A felicidade e a grandeza estão no amor. Sem o amor fica tudo mesquinho e (também os nossos próprios passos) sem sentido algum.

Padre Telmo



Director: Padre Telmo
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato - 4560 PACO DE SOUSA - Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paco de Sousa

Tiragem média por edição no mês de Agosto: 52.650 exemplares.

NOTAS do TEMPO

Cont. da 1.ª página

de todos os problemas: «Ainda que os teus chefes estejam em Tânis e os teus embaixadores cheguem a Hanes, todos serão enganados por este povo inútil que não dará auxílio nem socorro». Então, era o Egipto a falsa esperança de Israel. Hoje, pode repetir-se a ilusão de outras cidades em que moram os poderosos do mundo.

Não é este o caminho. O verdadeiro caminho, aquele que nos liberta de mais desilusões, aponta-o «o Senhor Deus, o Santo de Israel»: «É na conversão e na serenidade que está a vossa salvação; é no silêncio e na Esperança que reside a vossa fortaleza».

Conversão a Deus de cada um de nós, que é a busca diligente dos Seus projectos para os nossos projectos, de adequação das nossas leis à Sua Lei. Conversão que é a procura da Sua Aliança antes de qualquer outra aliança. Conversão que se traduz no reencontro de nós mesmos, na Paz profunda que

só Ele pode enraizar no mais íntimo do homem. Conversão que se realiza no silêncio operoso, só ele capaz de nos conduzir ao trabalho fecundo de regeneração de um povo decaído, privado de horizontes. Conversão que nos levará à redescoberta de uma vocação colectiva afirmada há séculos e frustrada em um instante. Conversão que exigirá a ultrapassagem de todo o egoísmo individual e nos disporá aos sacrifícios indispensáveis à obra de reconstrução de uma sociedade cujo vigor depende da consciência dos seus cidadãos, da sua paixão dominante pelo Bem-Comum, de toda a sinceridade posta no esforço de erguê-lo. Conversão que nos restituirá a Esperança «em que reside a nossa fortaleza». «O Senhor espera por nós para Se compadecer de nós» — anuncia o Profeta. Ajudemo-lo. Demos-lhe depressa a oportunidade de exercer a Sua Misericórdia. «Ditosos os que nEle esperam!»

Padre Carlos